

A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO COMO “CUIDADO DE SI” EM KIERKEGAARD

The building of Education as “Self-care” in Kierkegaard

Carlos Alberto Medino da Rocha¹

Resumo: O presente trabalho procura refletir sobre o processo de construção da educação como uma educação da interioridade que parte de uma concepção do “cuidado de si”, a partir do viés do pensamento filosófico do dinamarquês Søren Kierkegaard. Num primeiro momento, aponto para o seu conceito de existencialismo, que versa a construção de um indivíduo singular, voltado para sua existência individual; e, num segundo momento, apresento, ainda, que de forma breve, a relação entre o mestre e o discípulo marcada na obra *Migalhas Filosóficas* (2008).

Palavras-chave: cuidado de si, educação da interioridade, Kierkegaard.

Abstract: This paper aims to express thoughts and ideas about the process of developing education as an inner education that comes from the conception of “self-care” which was created by the Danish philosopher Søren Kierkegaard. At first, I will mention his concept of existentialism, which deals with the construction of a single human being, related to his self-existence; and then, I will present in a brief way, the relationship between the master and his pupil presented in the work named *Migalhas Filosóficas* (2008).

Keywords: self-care, inner education, Kierkegaard.

Introdução

O presente trabalho consiste numa análise em torno do processo de construção de uma educação da interioridade que tem como fundamento o “cuidado de si” ancorado no pensamento filosófico de Søren Kierkegaard (1813-1855). Pretendemos dessa forma, discutir sobre o caráter da educação tendo em vista uma educação da interioridade, que possa conduzir o indivíduo ao gerenciamento da sua existência de forma autêntica e singular, e concomitantemente, reconheça o peso dessa liberdade procurando pautar suas ações de forma autônoma, mas com responsabilidade. Com efeito, pensamos ser possível relacionar o tema em questão sobre uma educação da interioridade e a noção do “cuidado de si” em Kierkegaard, uma vez que o filósofo aborda em sua filosofia a dinâmica do

¹ Mestrando em Ética e Epistemologia pela UFPI. E-mail: carlosmedino09@gmail.com

indivíduo em agir de maneira livre e responsável considerando o exame diário da própria vida.

Para fundamentar nossa discussão, apresentaremos agora a caracterização do existencialismo kierkegaardiano que versa a construção de um indivíduo singular, voltado para sua existência individual e em seguida discorreremos sobre a relação entre o mestre e o discípulo como fundamento para uma educação da interioridade a partir da obra *Migalhas Filosóficas* (2008), para em seguida apresentarmos nossas considerações finais.

O existencialismo kierkegaardiano

Kierkegaard pressupõe a lógica da existência, ou seja, do indivíduo voltado para sua personalidade, individual e singular. Desse modo, pensa a existência como um movimento existencial de apropriação de si mesmo. Ora, isso exige do homem enquanto indivíduo a eleição, a decisão por um modo de existência. Portanto, Kierkegaard pensa o homem como totalmente livre e responsável. Nessa esfera, o homem é um ser livre, mas também pesa sobre ele a responsabilidade de assumir para si a própria vida, o gerenciamento de seu destino.

Por outro lado, o existencialismo kierkegaardiano supõe também, na nossa proposta de leitura, a concepção do “cuidado de si”, pois enfatiza a problemática do indivíduo como ser autêntico e responsável pela sua liberdade. Logo, a noção de escolha em Kierkegaard constitui, no nosso entender, a pedra fundamental de sua filosofia. Desse modo, o pensamento do filósofo dinamarquês põe no sujeito a responsabilidade da construção da sua subjetividade, o seu “cuidado de si” – o exame da própria vida.

Assim, o filósofo dinamarquês se apresenta como um tipo de corretivo tanto para a filosofia, quanto para a sociedade da época caracterizada como dispersão, dissipação do homem concreto refugiando-se na ideia abstrata e alienada de massa e multidão. Nesse pensar, o homem esqueceu completamente o que é tornar-se e existir enquanto homem. No contexto atual, as semelhanças com o modo de vida da sociedade de Kierkegaard são visíveis e se aproximam da visão do filósofo, pois o que predomina em nossa sociedade é: uma verdadeira despolíticação do indivíduo que desemboca no vazio ético e político².

Almeida (2007) relembra que, no número 1 da revista *O Instante*, Kierkegaard aponta para a importância de desmascarar essa realidade precária e conduzir o indivíduo a assumir uma posição em primeira pessoa diante da situação vigente. A proposta é assumir-se enquanto indivíduo singular. Nesse sentido, Almeida (2007) aponta para a relação entre ética, política e educação como termos indissociáveis e que remetem à questão de como educar eticamente, como existir eticamente em um mundo privado de si mesmo? Como assumir-se politicamente responsável³ [...] Em outros termos, como assumir uma educação que estabeleça um fundamento ético, a promoção do indivíduo em primeira pessoa?

Para Kierkegaard, ético é aquele que foi educado a partir da interioridade em que alcançou os domínios das suas paixões e direcionou o seu olhar para o outro. Logo, uma educação que privilegia o indivíduo deve percorrer os âmbitos de uma educação da interioridade, promovendo a construção de um sujeito singular, autônomo. Daí a relevância do sujeito em perceber, de forma consciente e autêntica, a construção da sua própria existência, da análise do seu “cuidado de si”, numa tentativa de se construir uma “cultura de si”, do bem viver, como bem enfatiza Foucault⁴. Neste sentido, é que a filosofia

²ALMEIDA, Jorge Miranda de. Kierkegaard como educador. In: *Soren Kierkegaard no Brasil: Festschrift em Homenagem a Álvaro Valls*. REDYSON, Deyve; ALMEIDA, Jorge Miranda de. PAULA, Marcio Gimenes de. (Orgs). João Pessoa: Idéia, 2007, p. 42.

³Ibidem, p. 43.

⁴FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.50.

de Kierkegaard se mostra relevante na análise dos conflitos humanos e na busca pela construção do sujeito ético, político de forma autêntica e real.

Ancorado nessa discussão sobre a construção da subjetividade, do próprio existir, pensamos ser possível propor uma reflexão sobre os aspectos da construção do sujeito ético e da noção do “cuidado de si”, tendo como ponto de partida uma educação da interioridade, como explicação para a ascensão dos homens de suas esferas mais imediatas, por isso, mais apegadas a exterioridade, àquelas mais desenvolvidas, que possibilitariam alcançar uma vida autêntica na plenitude possível aos homens.

O significado de sujeito existente, no pensamento de Kierkegaard, é simplesmente o de um sujeito individual, ou seja, um indivíduo que se interessa pela própria existência. Nesse pensamento, o sujeito é um vir-a-ser, no qual não está dada por completo a existência. Seu pensamento trabalha numa perspectiva de verdade subjetiva, na qual o sujeito se coloca diante de Deus. Assim, o indivíduo está lançado diante da liberdade e da escolha, pode ou não se relacionar com Deus pela fé.

Seu pensamento, contudo, se baseia na própria vida concreta examinando-a, de forma profunda e insistente. Dessa forma, afirma Kierkegaard que é preciso encontrar uma verdade para si, pela qual se possa viver e morrer. Isso nos possibilita afirmar que, para Kierkegaard, o existencialismo e, sobretudo necessidade, e como tal, serviria até para descrever e definir a sua personalidade. Como justifica o filósofo:

[...] O que me falta é ter clareza comigo mesmo sobre o que devo fazer e não sobre o que devo conhecer, a não ser na medida em que ideias claras devem preceder toda ação. Trata-se, para mim, de compreender qual é a minha vocação, ver o que a Providência quer propriamente que eu faça. Trata-se de encontrar uma verdade que seja verdade para mim, encontrar a ideia pela qual eu possa viver e morrer⁵ [...]

Nessa esteira, podemos perceber, mesmo que não explicitamente, a construção da subjetividade marcada por isso que estamos apontando como uma inspiração estoica na filosofia de Kierkegaard a qual poderíamos ler a partir do referencial conceitual operatório do “cuidado de si”, em torno do desejo de saber o que se deve fazer, o que é melhor para si, configurando o processo de autoconhecimento e construção de uma existência autêntica, fundamentada numa verdade que para ele seria a própria razão de viver e morrer.

A educação da interioridade: a relação entre o mestre e o discípulo

Quando nos referimos a Kierkegaard, a primeira ideia que logo nos toma como problema pelo filósofo não seria obviamente o da educação, haja vista a dimensão dos seus outros temas como religião, existência, angústia dentre outros. Sabe-se, portanto que o tema sobre a educação em Kierkegaard ainda é pouco discutido no Brasil. Daí nosso interesse, dentre outros, em abordar essa proposta, considerando a oportunidade de relacioná-lo ao seu conceito de existência do indivíduo como singular e concomitantemente à concepção do “cuidado de si”. Kierkegaard entende a educação como transformação que leva o indivíduo a si mesmo, tornando-o singular. Por isso, faz-se necessário entendermos a possibilidade da relação entre educação e existência, como ocasião para o desenvolvimento de uma ética, de um cuidado com o próprio existir, de

⁵Kierkegaard apud FARAGO, France. *Compreendendo Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 31.

forma a contemplar a subjetividade ao invés de impor ao indivíduo uma educação pautada no âmbito da técnica e objetividade.

Como bem assinala Kierkegaard em *Migalhas Filosóficas* “o mestre é apenas a ocasião que faz o aprendiz”, aqui a referência para a constituição de uma educação ética, pautada pelo “cuidado de si”, toma como alicerce a presença de um mestre, como bem nos lembra Platão no diálogo socrático em que o jovem Alcebiades é interpelado por seu mestre Sócrates, a fim de lhe apresentar um modelo de educação que lhe sirva como pressuposto para a virtude. Do mesmo modo, temos outro modelo de mestre que se apresenta como condição para a busca da ética e do cuidado. Tomamos como referência o filósofo romano Sêneca, em suas inúmeras obras se constitui como mestre para os seus interlocutores. Desse modo, é que partimos agora para uma breve análise dessa relação que se dá entre o mestre e o discípulo pela ótica kierkegaardiana sob a temática da educação.

Ao seu turno, a temática da educação ecoa por entre as obras de Kierkegaard, assumida por seus diversos pseudônimos, a pesar de o filósofo dinamarquês não ter produzido nenhuma obra especificamente com o tema da educação, segundo Almeida (2007),

a dimensão da educação em Kierkegaard está presente em suas obras e seus pseudônimos são discípulos que conseguem ouvir o mestre no interior de uma relação dialógica e cada um assume em primeira pessoa sua posição diante da vida⁶.

Kierkegaard em *Migalhas* inicia sua problemática retomando a questão socrática apresentada no diálogo de Platão *Ménon*, em que se analisa a seguinte questão: “em que medida pode-se se aprender a virtude”⁷. Kierkegaard reconstrói a questão com o argumento da verdade, e expõe, “em que medida pode se aprender a verdade?” No entanto, nesse contexto o filósofo observa que “na medida em que se deve aprender a verdade, é preciso pressupor que ela não estava presente, ou seja, a medida em que deve ser aprendida, a gente procura”⁸. Contudo, é nessa esfera que surge a dificuldade, denominada por Sócrates, como a “proposição polêmica”, a esse respeito afirma Kierkegaard:

[...] que é impossível a um homem procurar o que sabe e igualmente impossível procurar o que não sabe, pois o que sabe, não pode procurar porque sabe, e aquilo que não sabe não pode procurar porque não sabe nem ao menos o que deve procurar⁹.

Ora, para resolver tal dilema Sócrates acena para a seguinte sugestão:

[...] explicando que todo aprender, todo procurar, não é senão um recordar, de sorte que o ignorante apenas necessita lembrar-se para tomar consciência, por si mesmo, daquilo que sabe. A

⁶ ALMEIDA, Jorge Miranda de. Kierkegaard como educador. In: *Soren Kierkegaard no Brasil*: Festschrift em Homenagem a Álvaro Valls. REDYSON, Deyve; ALMEIDA, Jorge Miranda de. PAULA, Marcio Gimenes de. (Orgs). João Pessoa: Idéia, 2007, p. 40.

⁷ KIERKEGAARD. *Migalhas Filosóficas*: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 27.

⁸ Ibidem, p. 27.

⁹ Ibidem, p. 27-28.

verdade não é, pois, trazida pra dentro dele, mas já estava nele. Sócrates desenvolve então esta ideia¹⁰ [...]

Neste sentido, a verdade não estava fora do indivíduo, mas dentro dele. E como condição, qual o meio que levaria ao indivíduo buscar ou reconhecer tal verdade? A possibilidade que se aponta para o discípulo como uma condição para a verdade é possivelmente o mestre. Seguindo o pensamento de Kierkegaard em *Migalhas*, o mesmo afirma que Sócrates era parteiro, mas não dava a luz, apenas ajudava o homem no parto. Essa ideia serve para justificar que o mestre se apresenta como uma condição para a verdade, pois a busca da verdade é realizada pelo discípulo, cabe, pois, somente ao deus dar à luz, assim justifica Kierkegaard, [...] o que Sócrates exprime corajosamente ao dizer que, mesmo nos infernos, não faria outra coisa senão interrogar; pois a ideia final de todo perguntar é o que o indivíduo interrogado deve portanto possuir a verdade e obtê-la por si mesmo¹¹.

O mestre, como vimos, assume a possibilidade de apresentar para o discípulo apenas a condição que o conduzirá à verdade. Impossível, portanto, contribuir para que o mesmo se recorde sobre a verdade. De outro modo, se o próprio aprendiz fosse a condição, não haveria a necessidade do mestre, visto que por sua própria condição este recordaria a verdade. Não obstante, Kierkegaard, supõe outra concepção de mestre e reitera afirmando, “aquele, porém, que dá ao aprendiz não só a verdade, mas junto com ela a condição, não é um mestre”¹². Como vimos Kierkegaard acena para um mestre que é capaz de providenciar tanto a verdade quanto a condição para o discípulo. Ele mesmo afirma que nesse ponto já ultrapassou e muito o conceito de mestre, pois o único capaz de realizar essa tarefa é o deus, “o mestre é então o deus, que dá a condição e que dá a verdade”¹³.

Considerações finais

Com efeito, compreendemos que a tarefa de ensinar está intimamente ligada à contribuição do existir enquanto singularidade. Isso, porque somente um saber que possibilite ao indivíduo a afirmação de sua própria individualidade promoverá um existir autêntico, de modo a corroborar para uma transformação interna do discípulo. No nosso entender, essa transformação reverbera para uma ação e prática de um mestre que contribua efetivamente para essa condição. Do contrário, não poderíamos por si só ascender a esse patamar. No entanto esse mestre, como aponta Kierkegaard, não pode nos dar a verdade, mas apenas no apresentar a condição, como afirma Almeida (2007), “o ato de existir não pode depender do mestre, porque ele não poderia existir no interior da vida do discípulo”¹⁴.

Mas entendemos o papel fundamental do mestre ao apresentar essa condição, em que resulta no discípulo a possibilidade de uma edificação pautada por uma educação que tome como princípio o “cuidado de si”. Sobre esse aspecto, Kierkegaard no *Post-scriptum conclusivo não científico*, assinala que:

¹⁰ Ibidem, p. 28.

¹¹ Ibidem, p. 31.

¹² Ibidem, p. 34.

¹³ Ibidem, p. 35.

¹⁴ALMEIDA, Jorge Miranda de. Kierkegaard como educador. In: *Soren Kierkegaard no Brasil: Fistschrift em Homenagem a Álvaro Valls*. REDYSON, Deyve; ALMEIDA, Jorge Miranda de. PAULA, Marcio Gimenes de. (Orgs). João Pessoa: Idéia, 2007, p. 54.

Todo saber acerca da realidade é possibilidade. A única realidade de que um existente tem mais do que conhecimento é a sua própria realidade, isto é, o fato de que ele é existente; e esta realidade constitui o seu supremo interesse. A exigência da abstração é que ele se torne desinteressado para saber qualquer coisa; a exigência a ética (educação) é que ele se torne infinitamente ao existir e em existir. A única realidade que existe para um existente é a sua própria realidade ética, nos conforme com qualquer outra forma de realidade, ele tem apenas uma relação de conhecimento, mas o verdadeiro e autêntico saber é uma transposição da realidade na possibilidade¹⁵.

Em suma, acreditamos que uma educação da interioridade possa transformar o indivíduo em um existente, capaz de encontrar a si mesmo, de vencer seus vícios, seus impulsos, seu egoísmo e de concretizar em sua existência a responsabilidade, a escolha, a vontade, como síntese de um indivíduo singular e autônomo. Nesse contexto a educação da interioridade como “cuidado de si” remete à educação do caráter e da personalidade autêntica, contudo, uma educação dessa natureza só será possível mediante a contribuição do mestre na configuração desse cenário, em que se apresente como condição não para transmitir conhecimentos, mas como possibilidade de edificação do discípulo.

Referências

- ADORNO, W. Theodor. *Kierkegaard*. São Paulo: UNESP, 2010.
- ALMEIDA, Jorge Miranda de. Kierkegaard como educador. In: *Soren Kierkegaard no Brasil: Festschrift em Homenagem a Álvaro Valls*. REDYSON, Deyve; ALMEIDA, Jorge Miranda de. PAULA, Marcio Gimenes de. (Orgs). João Pessoa: Idéia, 2007. p. 39-59.
- FARAGO, France. *Compreendendo Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- KIERKEGAARD, S. A. *Diário de um Sedutor, Temor e Tremor, O Desespero Humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).
- _____. *Migalhas Filosóficas: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- _____. *O Conceito de Angústia*. Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, Luizir de. *Sêneca: uma vida dedicada à filosofia*. São Paulo: Paulus, 2010.

Texto recebido em: 30/04/2012
Aceito para publicação em: 05/06/2012

¹⁵ Kierkegaard apud Ibidem, p. 55.